

riodo republicano. Através do colégio *Sacris faciundis*, encarregado de seu culto, Apolo estendeu formas rituais a tôdas as outras espécies de cultos, assumindo, por meio dos Livros sibilinos, o papel de deus Expiador por excelência, agindo eficazmente onde outros deuses ou ritos revelavam-se insuficientes. Tal constatação leva o Autor a tratar do problema das origens do culto de Apolo em Roma, discutindo, então, as possibilidades das hipóteses de Cumes e da Etrúria, pois, sendo indiscutível a origem grega do espírito apolíneo em Roma, resta a determinar-se a região de sua origem, seu caminho e suas diferentes etapas. Inclina-se o Autor para a hipótese etrusca, associada a tendências délficas. As colônias gregas do sul da Itália, de seu lado, desempenharam papel essencial no desenvolvimento do Apolo romano, Cumes entre elas, embora não se lhe possa atribuir um caráter de exclusividade. Tarento teve também grande importância, fato que possibilita ao Autor uma conclusão de relevo para todo o processo de helenização de Roma: significa êle que Roma passou, de modelos quase proto-helênicos, a modelos da Magna Grécia, quase sem ter tomado conhecimento do helenismo clássico dos séculos V e IV, e mesmo sem muito contacto com a civilização propriamente helenística. Através da Magna Grécia, por sua vez, agirão sobre Roma os elementos pitagorizantes, que repercutirão nos círculos políticos romanos responsáveis pelo destaque emprestado às tradições rituais atribuídas ao rei Numa.

Passamos, a seguir, às flutuações sofridas pelo culto apolíneo, flutuações associadas ao próprio desenvolvimento da história da Roma republicana, distinguindo-se, entre elas, um recrudescimento do culto a partir da segunda guerra púnica, em relação com as *gentes* que se pretendiam descendentes do mencionado rei sabino Numa. Na fase final da república, o culto de Apolo começava a servir de veículo à “teologia solar”, paulatinamente destinada a impor-se aos imperadores e a constituir seu principal instrumento de defesa contra a teologia do cristianismo, função para a qual a habilitava todo o seu passado grego. No transcorrer de todo o trabalho, conforme as palavras do Autor, “a criação e o desenvolvimento do *ritus Graecus* mantiveram-se no primeiro plano. As conclusões dizem respeito particularmente a êste rito e à sua influência na religião romana, desde o século V a. C. até o início do Império, encarando-se Apolo do ponto de vista da “helenização” da religião romana, agindo a princípio como um deus propiciador da unanimidade social, da fraternidade ao mesmo tempo cordial e religiosa, tão rara nos cultos nacionais romanos, transformando-se, com o decorrer dos séculos, num protetor da vitória romana, ligado à idéia do estabelecimento da paz após a batalha de Actium, vencida por Augusto graças ao seu beneplácito.

PEDRO MOACYR CAMPOS

*

* *

LINS (Ivan). — *Aspectos do Padre Antônio Vieira*. Livraria São... José Editôra. Rio de Janeiro, 1956, 390 pp.

O Dr. Ivan Lins, que já publicou trabalhos importantes de história e de filosofia, tais como *A Idade Média: a cavalaria e as cruzadas*...

e *Descartes: época, vida e obra*, acaba de publicar um alentado estudo sôbre a notável figura do jesuíta Antônio Vieira.

O livro, como diz justamente o seu prefaciador, Sr. Paulo Filho, compõe-se de seis sólidos ensaios de crítica e de história, destinados a uma larga repercussão entre os estudiosos.

O estudo de Antônio Vieira tem importância e alcance para os que se interessam também pela história, sobretudo a do Brasil, pois que, como justamente observava Capistrano de Abreu, sem a história dos jesuítas, difícil é fazer a história do nosso país, no qual, parece, êles imprimiram a sua poderosa marca. E mais: o próprio momento em que Vieira viveu e atuou é um dos importantes momentos da nossa história colonial. A contribuição do Dr. Ivan Lins, é, pois, preciosa. O testemunho de Vieira (que o Autor esboça tão bem em sua obra) poderá lançar, por contraste, novas luzes acêrca da administração colonial, acêrca do espírito reinante na colônia e do modo pelo qual os letrados do tempo, apreciavam os acontecimentos.

Há um capítulo no livro do Dr. Ivan Lins que exige um exame mais atento e refletido; o em que o autor afirma o *cartesianismo* de Antônio Vieira. A êste capítulo voltaremos oportunamente. Teria Vieira conhecido a obra de Descartes? Teria mesmo aderido às idéias do filósofo do *Discurso do Método*? E' possível e talvez provável que sim, mas é mister que examinemos mais detidamente o problema que nos apresenta o Autor.

Nesta nota, simples nota bibliográfica, queremos simplesmente assinalar o aparecimento do importante livro do Dr. Ivan Lins, de uma obra que merece, por todos os motivos, os nossos elogios e que a *Revista de História* não podia, desde logo, deixar de assinalar.

J. CRUZ COSTA